



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DO SERTÃO

LUCAS SANTOS ANDRADE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ABSCESSO ASSÉPTICO EM CONJUNTIVA PALPEBRAL DE UM GATO

**RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NAS ÁREAS DE
CLÍNICA E CIRURGIA OFTALMOLÓGICA DE PEQUENOS ANIMAIS E
CLÍNICA, CIRURGIA E PATOLOGIA CLÍNICA DE GRANDES ANIMAIS**

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA - SERGIPE

2025

LUCAS SANTOS ANDRADE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ABSCESSO ASSÉPTICO EM CONJUNTIVA PALPEBRAL DE UM GATO

**RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NAS ÁREAS DE
CLÍNICA E CIRURGIA OFTALMOLÓGICA DE PEQUENOS ANIMAIS E
CLÍNICA, CIRURGIA E PATOLOGIA CLÍNICA DE GRANDES ANIMAIS**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kalina M^a de Medeiros Gomes Simplício

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA - SERGIPE

2025

LUCAS SANTOS ANDRADE

Trabalho de Conclusão de Curso

Relatórios de Estágios Supervisionado Obrigatório nas áreas de Clínica e Cirurgia oftalmológica de pequenos animais e Clínica, Cirurgia e Patologia Clínica de grandes animais

Abscesso Asséptico em Conjuntiva Palpebral de um Gato

Aprovado em 19/03/2025

Nota:

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Kalina Maria de Medeiros Gomes Simplício,
Departamento de Medicina Veterinária – UFS – Campus Sertão
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Geyanna Dolores Lopes Nunes
Departamento de Medicina Veterinária – UFS – Campus Sertão

Prof^a. Dr^a. Roseane Nunes De Santana Campos
Departamento de Medicina Veterinária – UFS – Campus Sertão

IDENTIFICAÇÃO

DISCENTE: Lucas Santos Andrade MATRÍCULA Nº: 202000135847

ORIENTADOR: Prof.^a. Dr^a. Kalina Maria de Medeiros Gomes Simplício

LOCAIS DO ESTÁGIO:

1. PUPILA+ Oftalmologia veterinária.

Endereço: Estr. Min. Antônio Carlos Magalhães, 143 - Loja 06 - Buraquinho,
Lauro de Freitas - BA, 42700-000.

Carga horária: 374 horas

2. Centro de Desenvolvimento da Pecuária | CDP - EMEVZ UFBA.

Endereço: Oliveira Dos Campinhos - Campinhos, Santo Amaro - BA,
44200-000.

Carga horária: 352 horas

COMISSÃO DE ESTÁGIO DO CURSO

Prof.^a Dr^a. Clarice Ricardo De Macedo Pessoa

Prof.^a Dr^a. Kalina Maria De Medeiros Gomes Simplício

Prof. Dr. Victor Fernando Santana Lima

Prof.^a Dr^a. Thiago Vinícius Costa Nascimento

Prof.^a Dr^a. Glenda Lídice Cortez Marinho Silva

Dedico este trabalho a minha mãe Marcia e
meu pai Osnei.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me guiar e dar forças para chegar até aqui.

À minha mãe, Márcia, que sempre me incentivou a estudar, com sua icônica frase: "Meu filho, estude para ser alguém na vida." Ela esteve ao meu lado em todas as decisões corretas que tomei, junto com meu pai, Osnei, a quem também sou imensamente grato pelo apoio.

Às minhas professoras do ensino fundamental II, que despertaram e incentivaram meu interesse pelos estudos, em especial à professora Ira, do reforço escolar, por seu apoio durante esse período tão importante.

Aos amigos que fiz ao longo da vida escolar, especialmente ao meu melhor amigo, Kelvin Menezes, que esteve comigo desde o fundamental II até o ensino médio e foi meu companheiro nos estudos para o ENEM.

Aos amigos que encontrei durante a graduação em Medicina Veterinária, tanto aqueles que estavam dentro da faculdade quanto aqueles que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada. À Tati, que vendia lanches ao lado da faculdade e sempre ouvia minhas reclamações sobre as dificuldades da vida, e ao Cris, que me apoiou e ajudou em momentos difíceis. Aos amigos da faculdade, como Luiz, Sélio, Rony, Breno (da recepção da clínica da UFS – Campus do Sertão), Breno Jeovanni, Sandy, Brenda, Daniela Maria, Glaura, Kailane, e também a Jéssica Rosa, que me deu a oportunidade de participar das campanhas de castração. Agradeço a Beatriz Lima pelas conversas filosóficas que contribuíram para minha evolução pessoal.

Ao grupo quase inseparável formado no início do segundo ciclo, composto por Érika, Clésia, Ticiane, Karla e, em especial, meu amigo e irmão de coração, Guilherme.

Aos amigos que conheci durante a monitoria, Carlos (conhecido como Carlão por quase toda a UFS), Daniele, Ângelo, Iolanda, Deisyane, João, José Teixeira, Luiza e Isabella, pela troca de conhecimentos e aprendizados.

Ao técnico Osmário, que, mesmo não sendo sua função, me ensinou e ajudou com muitos aspectos da Medicina Veterinária.

Ao Dr. Eduardo, por compartilhar seus conhecimentos práticos sobre patologia clínica.

Aos amigos que fiz durante o ESO no CDP, em especial Saymon e Rafael.

À dona Antônia, cozinheira do CDP, que preparava uma comida sensacional e me fez engordar 15 kg em dois meses.

À Dra. Camila Baltazar, que me aceitou como estagiário na Pupilavet+, estudou comigo e me ensinou tanto sobre oftalmologia veterinária.

Aos docentes da UFS – Campus do Sertão, que fizeram parte da minha formação, em especial às professoras que compuseram minha banca de TCC, tornando esse momento ainda mais significativo. Agradeço à Prof.^a Dr.^a Kalina Simplício, que aceitou ser minha orientadora e me ensinou muito sobre clínica de ruminantes; à Prof.^a Dr.^a Geyanna, que percebeu meu interesse em patologia clínica e me incentivou a praticar; e à Prof.^a Dr.^a Roseane, que sempre trazia referências dos bambambãs da veterinária ao ensinar clínica de pequenos animais.

À Prof.^a Dr.^a Clarice, que me ensinou muito sobre patologia e foi a primeira professora a me ver chorar em um momento de desabafo; à Prof.^a Dr.^a Glenda, que transmitiu conhecimento de forma leve e divertida, seja comendo ração de cachorro para avaliar sua qualidade, seja cantando "Quem dera ser um peixe"; e à Prof.^a Dr.^a Paula, que me mostrou, por meio de metodologias diferentes, a importância do bem-estar animal.

Aos docentes do Campus do Sertão, Prof. Dr. André, Prof.^a Dr.^a Débora e Prof.^a Dr.^a Monalyza, que contribuíram para minha formação no módulo de cirurgia.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada, meu sincero agradecimento!

*“Tem que acreditar
Desde cedo a mãe da gente fala assim:
filho, por você ser preto, você tem que ser
duas vezes melhor.”*

Racionais MC's

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
Tabela 1: Atendimentos realizados, diagnóstico, e o número de casos de acordo com cada doença/alteração nas espécies felinas e caninas, na clínica de oftalmologia Pupilavet+, no período 3 de maio 2024 até 3 de julho de 2024.....	6
Tabela 2: Atendimentos realizados, suspeitas/diagnóstico, e o número de casos de acordo com cada doença/alteração nas espécies bovina, caprina, ovina e equídeo, no Centro de Desenvolvimento da Pecuária - UFBA, no período de 20 de agosto 2024 até 20 de outubro 2024.....	11

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
Figura 1: Fachada da clínica especializada em oftalmologia veterinária Pupilavet+.....	2
Figura 2: Ambientes pertencentes a clínica especializada em oftalmologia veterinária Pupilavet+ recepção (A), sala de atendimento (B), sala de exames (C) e o centro cirúrgico (D).....	3
Figura 3: Instalações do Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP), da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ). Alojamentos para estagiários (A), prédio central (B), clínica de equídeos (C) e clínica de ruminantes (D).....	7
Figura 4: Instalações do Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP), da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ). Laboratório de parasitologia (A), piquete (B), baia pequena (C), fossa séptica (D), baia grande (E) e baia de isolamento (F).....	8
Figura 5: Imagem representativa da conjuntiva palpebral.....	14
Figura 6: A imagem mostra o olho esquerdo, evidenciando um aumento de volume na conjuntiva palpebral (A). A imagem exibe o olho direito, onde se observa a presença de uma lesão no canto medial (B).....	17
Figura 7: Resultado do hemograma do paciente.....	19
Figura 8: Resultado da bioquímica sérica do paciente.....	20
Figura 9: Ultrassonografia ocular: medidas do globo ocular 2,10cm, câmara anterior 0,43cm, nervo óptico 0,46cm e lentes 0,75cm (A, B) e estrutura nodular cística no olho esquerdo de 1,63cm (C).....	20
Figura 10: A imagem mostra uma seringa de 10 mL contendo aproximadamente 4 mL de um líquido de coloração amarelada e aspecto turvo, sugestivo a uma secreção mucopurulenta.....	21

Figura 11:	Conjuntivite piogranulomatosa. Lâmina própria com aumento de celularidade intenso (A). Infiltrado inflamatório piogranulomatoso (B).....	22
Figura 12:	Imagem antes da drenagem e biópsia incisional (A) e logo após o procedimento (B).....	23
Figura 13:	Imagem representativa da linha do tempo do tratamento.....	24
Figura 14:	Imagem do olho esquerdo com a redução total do abscesso, após 34 dias da primeira intervenção terapêutica.....	24

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico	Página
Gráfico 1: Frequência de atendimento clínico, cirúrgico e a campo de ruminantes e equídeos no Centro de Desenvolvimento da Pecuária - UFBA, no período de 20 de agosto 2024 até 20 de outubro 2024.....	12

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CDP: Centro de Desenvolvimento da Pecuária

EMEVZ: Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia

UFBA: Universidade Federal da Bahia

ESO: Estágio supervisionado obrigatório

IGM: Imunoglobulina M

IGG: Imunoglobulina G

PCR: Reação em cadeia da polimerase

SRD: Sem raça definida

FIV: Vírus da imunodeficiência felina

FeLV: Vírus da leucemia felina

PIO: Pressão intraocular

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO	2
2.1. Pupilavet+	2
2.1.1. Descrição do local	2
2.1.2. Descrição das atividades	4
2.1.3. Casuística do estágio	5
2.2. Centro de Desenvolvimento da Pecuária	6
2.2.1. Descrição do local	6
2.2.2. Descrição das atividades	9
2.2.3. Casuística do estágio	9
3. REVISÃO DE LITERATURA	12
3.1 Introdução	12
3.2 Anatomofisiologia da conjuntiva	13
3.3 Conjuntivite	15
3.4 Diagnóstico e tratamento	16
4. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	17
ABSCESO ASSÉPTICO EM CONJUNTIVA PALPEBRAL DE UM GATO ..	17
4.1. Relato de caso	17
4.2. Discussão	25
4.3. Conclusão	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Médico Veterinário pela Universidade Federal de Sergipe. Ele consiste nos relatórios de estágios supervisionados obrigatórios nas áreas de clínica e cirurgia oftalmológica de pequenos animais realizados na Pupilavet+, em Lauro de Freitas, e no Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP), vinculado à Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no município de Santo Amaro, também na Bahia. O tema selecionado para aprofundamento foi um caso clínico de abscesso asséptico na conjuntiva palpebral em um gato acompanhado durante o estágio na Pupilavet+. O caso é relevante devido à complexidade anatômica da conjuntiva e sua importância na produção de parte do filme lacrimal. A condução do caso exigiu conhecimentos específicos para evitar comprometimentos secundários. Os resultados demonstraram a eficácia da abordagem terapêutica, que associou medicações tópicas, sistêmicas e intervenção como a drenagem do abscesso. Essa estratégia resultou na recuperação completa do paciente, sem complicações ou comprometimento da acuidade visual. Esses achados reforçam a importância da associação de variados métodos diagnósticos e intervenções precisas para garantir a saúde oftalmológica. A prática obtida neste caso clínico foi enriquecedora, evidenciando a relevância de habilidades específicas em oftalmologia para uma atuação clínica eficaz e segura.

Palavras-chave: Felinos; Conjuntivite; Oftalmologia veterinária.

1. INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Medicina Veterinária, a experiência prática adquirida por meio de estágios desempenha um papel essencial na formação profissional, permitindo o desenvolvimento de habilidades técnicas e a aplicação do conhecimento teórico em situações reais. O estágio supervisionado obrigatório (ESO) tem um papel fundamental nesse processo, pois possibilita o estudo de casos clínicos reais, proporcionando um aprendizado significativo. Assim, a escolha do local de estágio foi determinante para permitir o aprofundamento na área de interesse pretendida e o aprimoramento de diversas competências (OLIVEIRA et al., 2020).

Nesse contexto, os estágios realizados na clínica de oftalmologia veterinária Pupilavet+ e no Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP) foram fundamentais para aprimorar a capacidade de diagnóstico e tratamento em diferentes áreas da Medicina Veterinária. A vivência na Pupilavet+ proporcionou um aprofundamento na oftalmologia veterinária, permitindo contato direto com casos clínicos oftálmicos, exames complementares e abordagens terapêuticas específicas. Já no CDP, foi possível desenvolver habilidades voltadas à sanidade e bem-estar de animais de produção, contribuindo para uma formação profissional mais ampla e integrada.

Uma das áreas de interesse foi a oftalmologia veterinária, na qual o atendimento a um felino com abscesso asséptico na conjuntiva palpebral durante um dos estágios permitiu a vivência prática e o desenvolvimento de competências críticas, essenciais para o diagnóstico e a intervenção clínica na medicina veterinária. A oftalmologia veterinária, uma área em contínua expansão, é fundamental para o diagnóstico e tratamento de doenças oculares em animais domésticos, como conjuntivites, úlceras de córnea e alterações palpebrais. Nos gatos, infecções primárias frequentemente causam inflamações da conjuntiva, que geram desconforto e, em alguns casos, podem levar a lesões secundárias na córnea (MARQUES et al., 2008).

Neste contexto, o abscesso asséptico na conjuntiva palpebral, apesar de raro, exige atenção e intervenção oftalmológica especializada devido ao papel crítico da conjuntiva na saúde ocular. A conjuntiva, que cobre as superfícies internas das pálpebras e a área anterior do globo ocular, participa ativamente na formação do filme lacrimal, essencial para manter a integridade da superfície ocular. Assim, qualquer alteração na conjuntiva pode impactar diretamente a produção, composição e drenagem lacrimal, podendo causar problemas secundários (SANZ, 2021).

As experiências obtidas ao longo desses estágios foram determinantes para consolidar o aprendizado acadêmico e preparar para os desafios da prática veterinária, demonstrando a

importância da vivência clínica para a formação de um profissional capacitado a lidar com diferentes desafios da oftalmologia e da medicina veterinária como um todo.

2. RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

2.1. Pupilavet+

2.1.1. Descrição do local

A primeira etapa do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) foi realizada na Pupilavet+ (Figura 1), clínica especializada em oftalmologia veterinária localizada no Leblon Center, Estrada Ministro Antônio Carlos Magalhães, nº 143, Loja 06, Bairro Buraquinho, Lauro de Freitas, Bahia. Essa etapa ocorreu entre 3 de maio e 3 de julho de 2024, totalizando 374 horas de estágio, supervisionado pela Médica Veterinária Doutora Camila Pinho Balthazar da Silveira. A escolha da Pupilavet+ para o estágio se deu pela sua especialização em oftalmologia veterinária, que abrange tanto a área clínica quanto a cirúrgica, e por sua infraestrutura completa para atender a maioria dos casos relacionados à saúde ocular em animais.

Figura 1: Fachada da clínica especializada em oftalmologia veterinária Pupilavet+.



Fonte: Google Maps.

A clínica é organizada em dois andares, otimizados para funcionalidade e conforto. No primeiro andar estão a recepção, sala de atendimento, banheiro, refeitório e um almoxarifado; no segundo andar, a sala de autoclave, outro almoxarifado, a sala de exames e o centro cirúrgico (Figura 2). A maior parte dos atendimentos ocorre na sala de atendimento, onde uma equipe multidisciplinar, composta por duas médicas veterinárias especializadas em oftalmologia e uma anestesiista terceirizada, realiza os procedimentos com precisão e cuidado. Além disso, a clínica conta com o suporte de uma recepcionista, que auxilia na organização e no atendimento ao público.

Figura 2: Ambientes pertencentes a clínica especializada em oftalmologia veterinária Pupilavet+ recepção (A), sala de atendimento (B), sala de exames (C) e o centro cirúrgico (D).



Fonte: (A), (C) e (D) Acervo pessoal, 2024. (B) Google Maps.

Os serviços prestados pela Pupilavet+ incluem desde consultas de rotina e diagnósticos oftalmológicos até cirurgias com alto grau de complexidade. Entre os exames realizados estão aferição da pressão intraocular, teste de Schirmer, teste de fluoresceína, fundoscopia e ultrassonografia ocular, todos essenciais para diagnóstico e tratamento de condições oftalmológicas dos pacientes. Durante o período do estágio, as atividades ocorreram de segunda a sexta-feira, das 8 às 12 horas e das 13 às 15 horas, proporcionando uma ampla experiência prática e contato com a rotina de uma clínica oftalmológica especializada.

2.1.2. Descrição das atividades

Durante o estágio, foram acompanhadas consultas clínicas oftalmológicas e a realização de exames complementares, seguindo uma sequência lógica de execução. O exame iniciava-se com a anamnese, fundamental para a compreensão detalhada do caso clínico. Em seguida, realizava-se o teste de Schirmer, que avalia se os olhos estão produzindo lágrimas em quantidade suficiente para garantir a lubrificação ocular. Esse teste deve ser realizado antes da aplicação de qualquer colírio. Após isso, era feita a aferição da pressão intraocular (PIO), que deve ser realizada antes da dilatação da pupila, pois esta pode alterar os valores. Após, era aplicado o teste de fluoresceína, usado para verificar a presença de úlceras na córnea. Por último, realizava-se a dilatação da pupila com colírio midriático para a fundoscopia, com o objetivo de avaliar as estruturas intraoculares.

Nos períodos livres, foram realizados estudos sobre anatomia e fisiologia ocular, colheita de amostras para envio ao laboratório, eletrocardiogramas para avaliar a aptidão dos pacientes para procedimentos cirúrgicos e discussões sobre casos clínicos analisados ou acompanhados durante o estágio.

As microcirurgias vivenciadas durante o estágio foram realizadas no segundo andar da clínica, com o auxílio de um microscópio cirúrgico. Antes de qualquer procedimento, os pacientes passavam por exames de triagem, incluindo exame clínico, eletrocardiograma, hemograma, testes para IgM e IgG de *Ehrlichia spp.* e *Babesia spp.*, além de perfis bioquímicos hepático e renal. É válido salientar que os exames laboratoriais e eletroretinografia são terceirizados. Após o procedimento, o paciente despertava da anestesia inalatória, era entregue ao tutor juntamente com o receituário. Na maioria dos casos, indicava-se o uso do colar elizabetano até a alta médica, com acompanhamento semanal para avaliação da evolução do

quadro clínico.

2.1.3. Casuística do estágio

A casuística observada durante o estágio na clínica de oftalmologia veterinária Pupilavet+ incluiu uma variedade significativa de condições oculares em pequenos animais, com destaque para as úlceras de córnea em cães. A maioria desses casos de úlceras corneanas estava associada a infecções por *Ehrlichia* e/ou *Babesia*, comumente observadas em cães braquicefálicos. Adicionalmente, foram registrados dois casos de úlceras de córnea indolentes e um caso de uveíte do Golden, condição que demanda atenção especial devido ao risco de comprometimento da visão.

Outros casos notáveis incluíram duas ocorrências de catarata, sendo que uma delas foi desencadeada por diabetes, ressaltando a importância dos cuidados oftalmológicos em animais com comorbidades. Também foi atendido um caso de descolamento de retina em que já havia cegueira total em um dos olhos, diagnosticada pela eletrorretinografia, tornando o prognóstico para recuperação visual desfavorável. Outras condições anatômicas e estruturais das pálpebras e cílios, como três casos de distíquiose e um de triquíase, foram tratadas para evitar desconforto e lesões secundárias na superfície ocular.

Foram ainda diagnosticados um caso de ceratite pigmentada e um de luxação de lente, além de quatro casos de conjuntivite e três de ceratoconjuntivite seca, doenças recorrentes que podem resultar em complicações se não gerenciadas adequadamente. Em um dos casos mais delicados, foi necessária a enucleação devido a uma úlcera de córnea estromal profunda. O paciente, que já havia passado por uma cirurgia de coluna em outra clínica, não poderia ser submetido a uma cirurgia de reparação corneana, pois isso exigiria um longo período em decúbito esternal, posição inviável para o seu quadro.

Um caso especialmente raro também foi registrado: um abscesso asséptico na conjuntiva palpebral de um gato, o qual foi escolhido como tema de estudo deste trabalho pela sua raridade e complexidade no manejo oftalmológico.

Cada caso vivenciado ressaltou a importância da abordagem multidisciplinar para o diagnóstico e tratamento de condições oculares em pequenos animais (Tabela 1).

Tabela 1: atendimentos realizados, diagnóstico, e o número de casos de acordo com cada doença/alteração nas espécies felinas e caninas, na clínica de oftalmologia Pupilavet+, no período 3 de maio 2024 até 3 de julho de 2024.

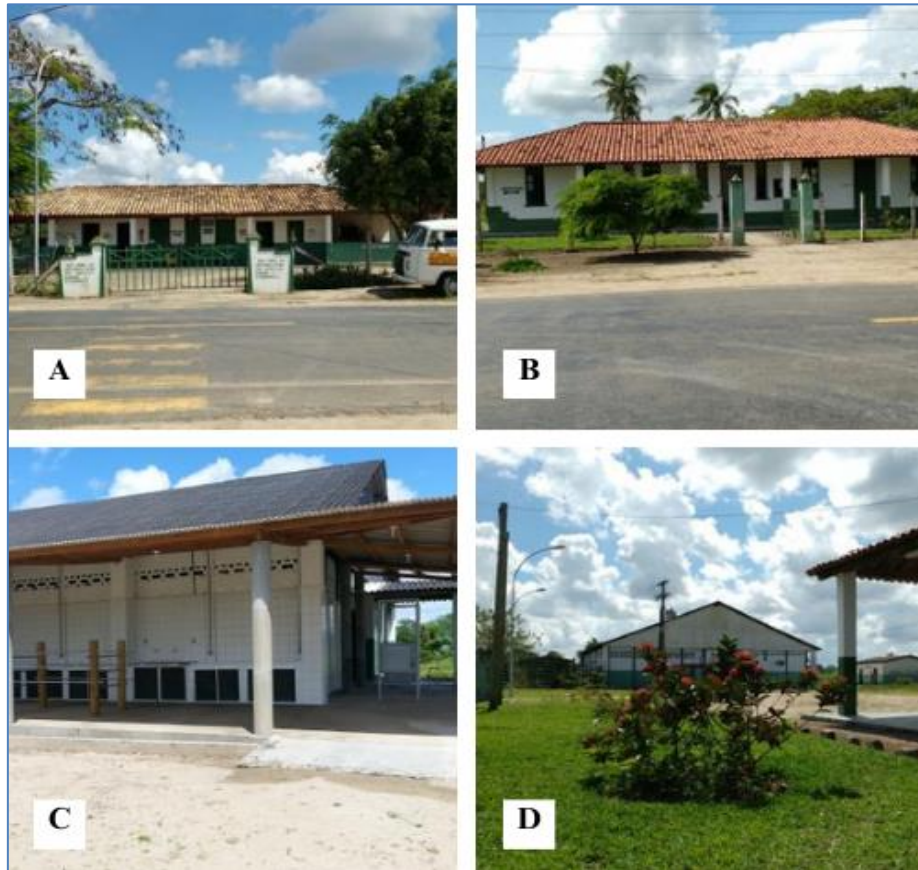
Condição	Espécie	Quantidade
Úlceras de córnea	Cães	120
Conjuntivite	Cães	4
Distiquíase	Cães	3
Ceratoconjuntivite seca	Cães	3
Úlceras de córnea indolentes	Cães	2
Catarata	Cães	2
Úlceras de córnea	Gato	1
Uveíte do Golden	Cão	1
Descolamento de retina	Cão	1
Triquíase	Cão	1
Prolapso da glândula lacrimal	Cão	1
Ceratite pigmentada	Cão	1
Luxação de lente	Cão	1
Úlcera de córnea estromal profunda	Cão	1
Abscesso asséptico na conjuntiva palpebral	Gato	1
Total		143

2.2. Centro de Desenvolvimento da Pecuária

2.2.1. Descrição do local

A segunda etapa do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) foi realizada no Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP), vinculado à Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o qual foi fundado em 1985 e está localizado na Rodovia BA-084, no distrito de Oliveira dos Campinhos, município de Santo Amaro, Bahia. Focado na formação prática e no desenvolvimento de competências em produção animal, o CDP possui várias estruturas, que incluem um prédio central, clínicas de ruminantes e equídeos, laboratório de parasitologia e patologia clínica, laboratório de reprodução, setor de anatomia patológica e isolamento, além de centro de treinamento e alojamentos para estagiários e residentes (Figura 3).

Figura 3: Instalações do Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP), da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ). Alojamentos para estagiários (A), prédio central (B), clínica de equídeos (C) e clínica de ruminantes (D).



Fonte: UFBA, s.d.

O prédio central abriga a coordenação administrativa, secretaria, divisões de serviços e salas para médicos veterinários. A clínica de ruminantes conta com equipamentos para atendimento ambulatorial, internamento e cirurgias, incluindo área de manejo mecânico e instalações para recuperação dos animais. A clínica de equídeos oferece atendimento hospitalar e a campo, com baias, fossa séptica, baias de isolamento, piquetes e ambulatório (Figura 4). Os laboratórios, equipados para a realização de exames como hemograma, parasitológico de fezes, análises de líquidos cavitários e de suco ruminal, ampliam as capacidades diagnósticas no atendimento dos animais.

Figura 4: Instalações do Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP), da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ). Laboratório de parasitologia (A), piquete (B), baia pequena (C), fossa séptica (D), baia grande (E) e baia de isolamento (F).



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Para treinamento e capacitação, o CDP dispõe de um centro de treinamento com sala de aula, alojamento para até 30 alunos e refeitório, além de dois alojamentos para estagiários. O funcionamento ocorre de segunda a sexta-feira, das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00, com plantões noturnos, nos finais de semana e feriados para atendimentos emergenciais. A equipe é composta por três veterinários, além de professores da UFBA e residentes do programa de clínica médica de ruminantes e equídeos, que contribuem para o atendimento e a supervisão dos alunos.

Os serviços oferecidos pelo CDP incluem atendimento clínico, cirúrgico, internamento e exames laboratoriais para animais de produção, além de atender às demandas de ensino, pesquisa, extensão, prestando também serviços à comunidade, assistência em propriedades rurais e apoio a programas de defesa sanitária animal.

2.2.2. Descrição das atividades

As atividades no CDP têm como objetivo aprimorar as práticas pecuárias e fornecer suporte técnico a produtores e profissionais do setor. Funcionando de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h, o CDP oferece uma rotina abrangente supervisionada por uma equipe profissional composta por quatro médicos veterinários residentes, três médicos veterinários técnicos e professores da UFBA. A equipe é complementada por estagiários de várias instituições e alunos participantes de projetos de extensão e programas de vivência hospitalar veterinária.

Ao receber um paciente, o veterinário técnico ou residente realiza uma conversa inicial com o tutor, momento em que o estagiário acompanha a anamnese e a coleta de informações. Cada animal é cadastrado com uma ficha clínica individual, contendo dados sobre o exame físico completo e informações específicas de cada sistema orgânico, com formulários distintos para ruminantes e equídeos. Em seguida, são conduzidos os exames complementares ao diagnóstico, como radiografia e ultrassonografia, conforme a necessidade do caso. Tratamentos específicos, como medicamentos, fluidoterapia, duchas e curativos, são instituídos de acordo com o quadro clínico do paciente.

O acompanhamento diário dos pacientes internados permite a coleta de parâmetros vitais e a revisão do tratamento em fichas de evolução clínica. Cada procedimento e conduta são ajustados ao quadro clínico do paciente, com discussões diárias sobre diagnósticos e tratamentos. O estagiário, sob a orientação do veterinário, realiza tarefas como exame físico, coleta de amostras para exames laboratoriais, curativos, duchas, administração de medicamentos e assistência em procedimentos como radiografia, ultrassonografia, fisioterapia e, quando necessário, eutanásia e necrópsia.

Além das atividades no CDP, o estagiário participa de visitas técnicas a propriedades rurais, acompanhando residentes e médicos veterinários. Essas visitas, que seguem um sistema de rodízio entre os estagiários para garantir a oportunidade de todos participarem, oferecem oportunidades práticas de aprendizado, permitindo que os alunos apliquem conhecimentos em manejo sanitário e nutricional, reprodução e bem-estar animal diretamente no campo.

2.2.3. Casuística do estágio

Durante o estágio no CDP, foram atendidos diversos casos clínicos que proporcionaram

experiências prática e teórica no manejo e tratamento de ruminantes e equídeos. Os casos incluíram problemas variados, desde doenças infecciosas e metabólicas até complicações reprodutivas e traumas.

Houve o atendimento a quatro casos de mastite, sendo dois em vacas e dois em cabras, com destaque para uma cabra com mastite gangrenosa, que exigiu cuidados específicos devido à gravidade da infecção. Quanto ao sistema urinário, foram registrados dois casos de cistite: um em uma ovelha e outro em uma cabra. O manejo de feridas também foi frequente, com cinco casos distribuídos entre quatro cavalos e uma vaca, com feridas localizadas em membros e uma na boca; uma mula também apresentou uma ferida severa em membro, causada por um arame preso na articulação.

Casos respiratórios incluíram um boi com sinais de afecção pulmonar. No campo da reprodução, foram registrados cinco acompanhamentos de parto, incluindo dois partos de vacas, dois de éguas e um de cabra; houve necessidade de intervenção médica em uma das vacas e em uma das éguas. Em adição, uma égua com pneumovagina, decorrente de um parto distócico sem assistência veterinária, e um prolapso vaginal em um pônei exigiram manejo específico.

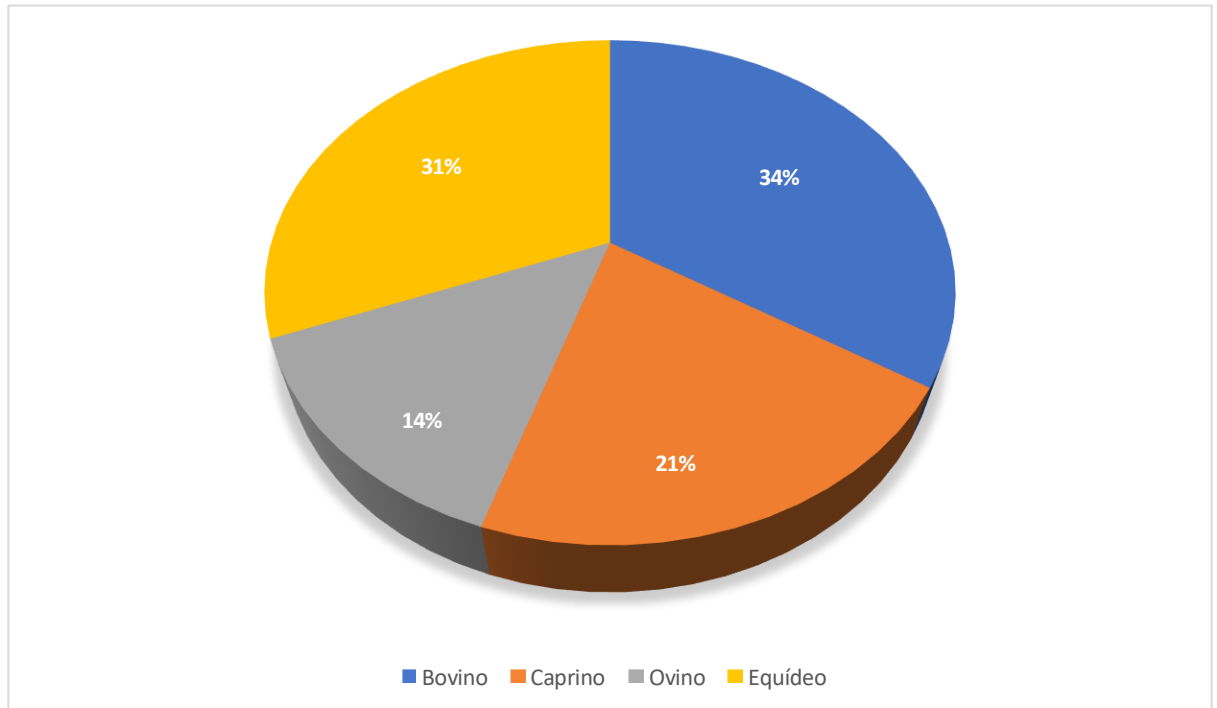
Outros casos notáveis incluíram um caso de tripanossomose bovina, uma doença parasitária complexa, e um caso de acidose metabólica em uma ovelha, que demandou monitoramento intensivo. A anemia severa em uma ovelha, causada por hemoncose, foi um dos casos mais delicados, sendo necessário realizar transfusão sanguínea para estabilização. Também houve o tratamento de pododermatite em uma ovelha, condição dolorosa e debilitante.

Casos com sinais neurológicos envolveram cinco animais: duas vacas, um boi, um bode e uma cabra. Entre esses, o boi apresentou sinais de dictiocaulose, uma doença causada por vermes pulmonares que podem afetar o sistema nervoso. A diversidade de casos enfrentados permitiu um aprendizado profundo sobre as práticas clínicas, reforçando a importância do diagnóstico preciso e do tratamento adequado para a saúde e bem-estar dos animais de produção (Tabela 2) (Gráfico 1).

Tabela 2: Atendimentos realizados, suspeitas/diagnóstico, e o número de casos de acordo com cada doença/alteração nas espécies bovina, caprina, ovina e equídeo, no Centro de Desenvolvimento da Pecuária - UFBA, no período de 20 de agosto 2024 até 20 de outubro 2024.

Categoria	Espécie	Quantidade de Casos
Feridas	Cavalos	4
	Vaca	1
	Mula	1
Partos acompanhados	Vacas	2
	Éguas	2
	Cabra	1
Doenças neurológicas	Vacas	2
	Boi	1
	Bode	1
	Cabra	1
Mastite	Vacas	2
	Cabras	2
Cistite	Ovelha	1
	Cabra	1
Afecções reprodutivas	Égua	1
	Pônei	1
Afecções respiratórias	Boi	1
Doenças metabólicas	Ovelha	1
Doenças parasitárias	Boi	1
Anemia severa	Ovelha	1
Pododermatite	Ovelha	1
Lesão granulomatosa em córnea	Cavalo	1
Total		30

Gráfico 1: Frequência de atendimento clínico, cirúrgico e a campo de ruminantes e equídeos no Centro de Desenvolvimento da Pecuária - UFBA, no período de 20 de agosto 2024 até 20 de outubro 2024.



3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Introdução

Um abscesso é um acúmulo localizado de pus formado como resposta do organismo a uma infecção. Ele resulta da interação entre células de defesa, como neutrófilos, e agentes infecciosos, como bactérias. Durante esse processo, ocorre a liberação de enzimas que promovem a destruição de tecidos infectados, células e microrganismos, levando à formação de microáreas preenchidas por pus. Com o tempo, esses microabscessos podem crescer, formando áreas maiores de acúmulo purulento. Os abscessos podem ser dolorosos, causar inflamação local e, em casos graves, exigir drenagem e tratamento adequado para controlar a infecção e prevenir complicações (GONÇALVES *et al.*, 2024).

Abscessos assépticos na conjuntiva palpebral de felinos são pouco frequentes na rotina clínica oftalmológica, mas tem como diagnóstico diferencial as conjuntivites e neoplasias, que podem estar relacionadas a diversos patógenos. A conjuntivite é frequentemente de origem infecciosa e causada principalmente pelo herpesvírus felino tipo um (FHV-1) e pela *Chlamydomphila felis*, além de *Mycoplasma felis* e, mais raramente, pelo calicivírus felino

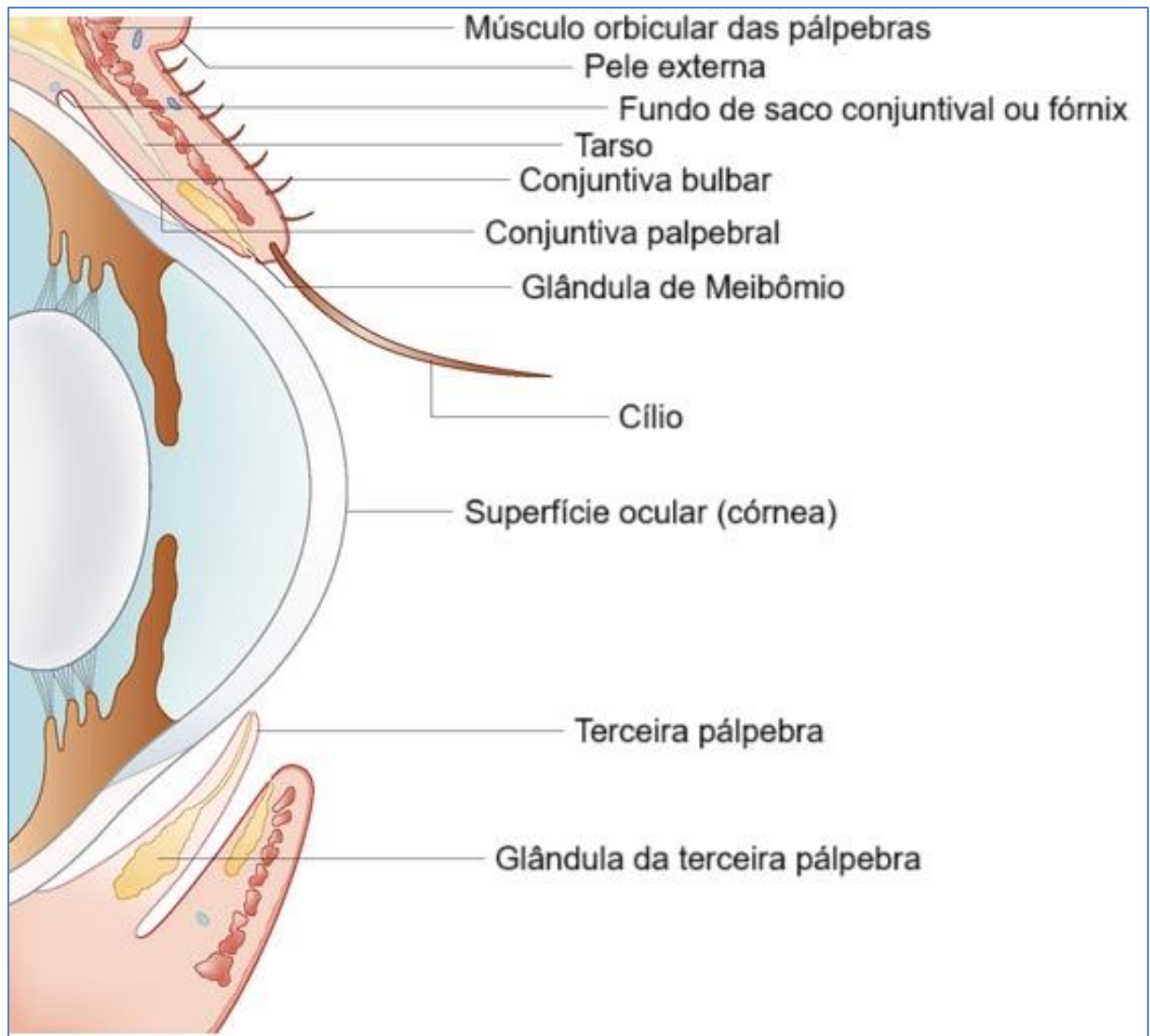
(CVF) (VIEIRA, M. *et al.*, 2020). Para um diagnóstico etiológico preciso, especialmente em conjuntivites infecciosas, é essencial identificar o patógeno responsável, o que permite uma intervenção terapêutica precoce e a implementação de medidas de controle da transmissão (HARTMANN *et al.*, 2010).

A conjuntiva palpebral desempenha um papel fundamental na manutenção da saúde ocular, pois cobre as superfícies internas das pálpebras, formando uma barreira de proteção para os olhos. Uma de suas funções principais é contribuir para a formação e distribuição do filme lacrimal, essencial para a integridade da superfície da córnea (SLATTER, 2005). Esse filme lacrimal é composto por três camadas: a lipídica, que reduz a evaporação das lágrimas; a aquosa, que nutre a superfície córnea; e a mucosa, que permite a adesão das lágrimas ao epitélio da córnea. Alterações na conjuntiva, como inflamações ou abscessos, podem comprometer essas camadas e, conseqüentemente, a proteção e nutrição da córnea, causando problemas secundários (MARTIN, 2005).

3.2. Anatomofisiologia da conjuntiva

A conjuntiva é uma membrana mucosa, móvel e elástica que reveste a superfície interna das pálpebras (conjuntiva palpebral), as superfícies bulbar e palpebral da terceira pálpebra (membrana nictitante) e a parte anterior da esclera até o limbo esclerocorneano (conjuntiva bulbar) (Figura 5). Sua estrutura anatômica e função são essenciais para a saúde ocular, contribuindo para a dinâmica lacrimal, mobilidade ocular, proteção imunológica e cicatrização da córnea (FEITOSA, 2020).

Figura 5: Imagem representativa da conjuntiva palpebral.



Fonte: TURNER, 2010.

Histologicamente, a conjuntiva é composta por epitélio não queratinizado com células caliciformes, responsáveis pela produção da mucina, um dos componentes fundamentais do filme lacrimal pré-corneal. Este filme lacrimal nutre e protege tanto a conjuntiva quanto a córnea, criando uma interdependência entre essas estruturas (KÖNIG; LIEBICH, 2021.). Alterações na estabilidade do filme lacrimal podem impactar a saúde conjuntival, enquanto disfunções conjuntivais podem comprometer o filme lacrimal (TURNER, 2010).

A extensa vascularização da conjuntiva, composta por vasos finos, móveis e abundantemente ramificados, permite uma resposta rápida a estímulos nocivos, demonstrada por hiperemia conjuntival em condições inflamatórias ou irritativas. Esses vasos são distintos

dos vasos mais profundos da episclera, sendo úteis para a diferenciação clínica de patologias oculares (MARTIN, 2005).

Além de suas funções imunológicas e protetoras, a conjuntiva de felinos abriga uma microbiota composta predominantemente por bactérias Gram-positivas, com destaque para espécies do gênero *Staphylococcus* (ESPINOLA; LILENBAUM, 1996). Graças à sua rica vascularização e propriedades regenerativas, a conjuntiva é capaz de cicatrizar pequenas lesões espontaneamente em curto período, geralmente em 24 horas. Essas características tornam a conjuntiva um tecido fundamental na proteção e funcionalidade do sistema ocular (GOULD, 2014).

3.3. Conjuntivite

A conjuntivite é uma inflamação da conjuntiva, essa alteração é comum na clínica médica de pequenos animais e pode ser desencadeada por uma ampla variedade de fatores. Os sinais clínicos típicos incluem hiperemia conjuntival (vermelhidão), edema (quemose), secreção ocular de diferentes naturezas, ulceração, formação de folículos, hemorragias conjuntival ou subconjuntival, prurido e, em alguns casos, engrossamento ou tumefação da conjuntiva (SANZ, 2021).

A conjuntivite pode ser classificada de várias maneiras, sendo a classificação etiológica a mais relevante para o diagnóstico e tratamento. As causas podem ser divididas em primárias e secundárias. Entre as primárias estão infecções (como herpesvírus felino-1, *Chlamydomphila felis*, *Mycoplasma felis* e calicivírus felino), alergias e fatores ambientais. Nos gatos, a conjuntivite infecciosa primária é particularmente comum. Já as causas secundárias incluem uveítes, traumatismos, corpos estranhos, anomalias anexiais, doenças imunomediadas e neoplasias. Em casos onde a etiologia não pode ser identificada, a classificação pode se basear na duração (aguda, crônica ou recorrente) ou na aparência da secreção ocular (mucoide, purulenta ou hemorrágica) (AROCH; OFRI; SUTTON, 2009).

É importante ressaltar que, devido à reatividade da conjuntiva, sua inflamação pode ocorrer como resposta a diversas patologias oculares. Por isso, nem todos os casos de olhos vermelhos indicam conjuntivite, sendo essencial uma avaliação clínica completa e, se necessário, a realização de testes laboratoriais para determinar a causa subjacente e garantir um tratamento adequado (FEATHERSTONE; HOLT, 2011).

Estudos epidemiológicos indicam que a conjuntivite é uma afecção ocular menos

frequente em gatos quando comparada a outras oftalmopatias. Em um estudo com 116 diagnósticos de doenças oculares felinas, apenas 6% (07/116) correspondiam a conjuntivites, enquanto as alterações mais comuns afetavam a córnea, o bulbo ocular e as pálpebras, com menor impacto sobre a conjuntiva e o sistema lacrimal. Esses achados reforçam a necessidade de um diagnóstico criterioso para diferenciar a conjuntivite de outras condições oculares em gatos, visto que sua prevalência é relativamente baixa dentro do espectro das doenças oftálmicas felinas (FONSÊCA, 2022).

3.4. Diagnóstico e tratamento

O diagnóstico da conjuntivite requer uma análise detalhada, iniciando-se com um exame físico e oftalmológico. A anamnese desempenha um papel fundamental, investigando o início e a duração dos sintomas, possíveis doenças oculares prévias, medicamentos utilizados, histórico de vacinação e o ambiente em que o animal vive (Little *et al.*, 2015). Durante o exame oftalmológico, é realizado um exame visual à distância e uma avaliação detalhada do olho, que pode incluir testes como o de Schirmer, para medir a produção lacrimal, e a aplicação de corantes oculares, como a fluoresceína, que detecta lesões na córnea, e o Rosa Bengala, útil para identificar áreas com deficiência da película lacrimal (GELATT, 2003).

Além disso, a conjuntiva pode ser examinada diretamente com o auxílio de uma fonte de luz e lentes de aumento, buscando sinais como hiperemia, alterações na textura ou presença de secreção. Em alguns casos, torna-se necessário recorrer a exames laboratoriais, como a citologia conjuntival, para avaliar a presença de células inflamatórias ou agentes infecciosos, e culturas microbiológicas, que ajudam na identificação precisa de bactérias, fungos ou vírus (Honscho *et al.*, 2012). Testes de PCR também são frequentemente utilizados devido à sua sensibilidade e especificidade, sendo particularmente úteis em infecções causadas por *Chlamydia felis* ou *Herpesvirus felino* (HEINRICH, 2015).

O tratamento da conjuntivite varia de acordo com a causa identificada. Nos casos bacterianos, são indicados antibióticos tópicos em forma de colírios ou pomadas. A limpeza regular dos olhos com soluções estéreis ou fisiológicas auxilia na remoção de secreções e melhora o conforto do animal (VIANA, 2007). Nos casos alérgicos ou imunomediados, o uso de imunomoduladores ou anti-histamínicos pode ser necessário, sendo fundamental evitar corticosteroides quando há suspeita de ulceração corneana (FEATHERSTONE; SCURRELL, 2015).

4. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

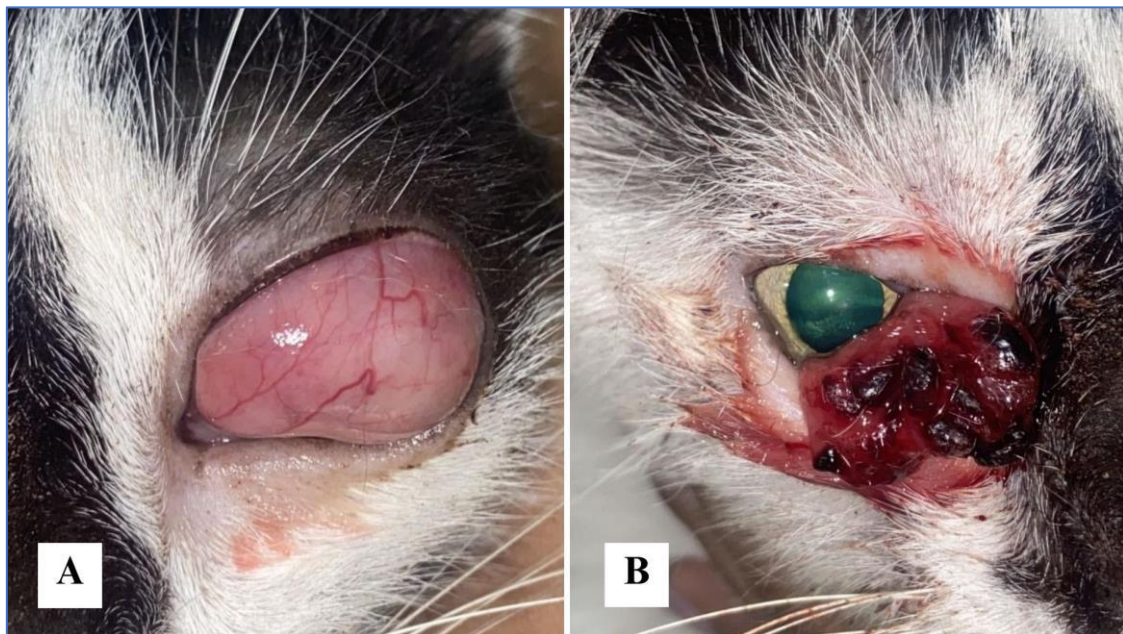
ABSCESSO ASSÉPTICO EM CONJUNTIVA PALPEBRAL DE UM GATO

4.1. Relato de caso

Foi atendido na clínica Pupilavet+, em Lauro de Freitas, Bahia, um felino fêmea, com aproximadamente 8 anos de idade, sem raça definida (SRD), pelagem preto e branco, pesando 2,9 Kg. Na anamnese, os proprietários informaram que haviam adotado o animal há dois meses. Durante esse período, o gato não foi vermifugado e recebeu apenas a vacina contra a raiva.

O proprietário também relatou que apesar de o animal ter acesso à rua, ele se alimentava exclusivamente de ração seca. A queixa principal foi o surgimento de uma lesão no canto medial do olho direito, acompanhada de aumento de volume na conjuntiva palpebral do olho esquerdo (Figura 6). Segundo o proprietário, essas alterações surgiram repentinamente, e, ao notar os sintomas, ele levou o animal imediatamente à clínica Pupilavet+ para avaliação oftalmológica.

Figura 6: Imagem do olho esquerdo (A), destacando um aumento de volume na conjuntiva palpebral. No olho direito (B), observa-se uma lesão localizada no canto medial.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Foi prescrita a aplicação do colírio anti-inflamatório de acetato de prednisolona 10 mg/mL a cada oito horas para controle da inflamação ocular, associado a um colírio lubrificante, também administrado a cada oito horas, com o objetivo de manter a hidratação da superfície ocular, até novas orientações. Além disso, foi indicada a aplicação de uma pomada oftálmica

contendo acetato de retinol (10.000 UI/g), aminoácidos (25 mg/g), metionina (5 mg/g) e cloranfenicol (5 mg/g), também a cada oito horas, para estimular a regeneração tecidual.

Como suporte sistêmico, foi utilizado o corticoide oral prednisolona 3 mg/mL, administrado a cada doze horas, e um suplemento nutricional contendo sorbitol, sulfato ferroso monohidratado, vitamina B1, óleo de soja degomado, arginina, água, taurina, vitamina D3, aditivo antioxidante, aditivo flavorizante, ácido fosfórico, óleo de fígado de bacalhau, DL-metionina, vitamina B2, L-lisina, nicotinamida, vitamina B6 e vitamina A, oferecido diariamente para melhorar a condição geral do paciente.

Além disso, foi recomendado o uso contínuo do colar elizabetano até a alta médica para evitar automutilação, e recomendou-se um intervalo de dez minutos entre as aplicações dos colírios para otimizar a ação das medicações. A primeira revisão foi agendada para 7 dias depois da primeira consulta, na qual constatou-se uma melhora parcial do quadro inflamatório, e o protocolo terapêutico foi mantido sem alterações.

Os exames complementares desempenharam um papel fundamental ao permitir uma avaliação detalhada da estrutura e função dos tecidos acometidos. Métodos como citologia, histopatologia, exames de imagem e testes laboratoriais são essenciais para diferenciar processos inflamatórios, infecciosos, neoplásicos ou autoimunes, garantindo uma abordagem terapêutica mais específica e eficaz. Dessa forma, a realização desses exames possibilita a escolha do tratamento mais adequado, evitando procedimentos radicais, como a enucleação, e permitindo a preservação do globo ocular e da visão do paciente.

Nos exames complementares realizados, foram incluídos o hemograma e a bioquímica sérica para uma avaliação abrangente da saúde do paciente, investigando possíveis alterações sistêmicas que poderiam influenciar o quadro clínico apresentado. O exame de ultrassonografia ocular foi conduzido com a finalidade de examinar as estruturas intraoculares e explorar o aumento de volume na conjuntiva palpebral superior do olho esquerdo, que cobria integralmente a estrutura ocular, impossibilitando sua visualização. Por fim, foi realizado uma drenagem do abscesso para cultura microbiana anaeróbica, para avaliar se essa alteração tem influência bacteriana e também foi feita uma biópsia incisional para o exame histopatológico foi fundamental para determinar se o aumento de volume observado tinha origem neoplásica ou inflamatória, contribuindo para a orientação do diagnóstico e tratamento.

O teste sorológico para o vírus da imunodeficiência felina (FIV) e o vírus da leucemia felina (FeLV) apresentou resultados negativos para ambas as doenças, tornando pouco provável

a relação desses vírus como fatores contribuintes para o quadro clínico apresentado.

O hemograma revelou uma pequena redução na contagem total de hemácias, enquanto o hematócrito mostrou-se dentro da normalidade. O leucograma indicou leucocitose, por neutrofilia, mostrando uma resposta inflamatória aguda. Os demais parâmetros celulares, a exemplo da contagem de plaquetas, estavam dentro da normalidade, exceto por uma redução percentual de linfócitos. A proteína plasmática apresentou um valor elevado, provavelmente indicando inflamação (Figura 7).

Figura 7: Resultado do hemograma do paciente.

ERITROGRAMA	Resultados	Valores de referência	
Hemácias:	5,3	(5.5 - 10.0)	10 ⁶ /mm ³
Hemoglobina:	9,3	(8,0 - 15,0)	g%
Hematócrito:	29	(24 - 45)	%
VCM:	54,7	(39,0 - 55,0)	fl
CHCM:	32,1	(30,0 - 36,0)	g/dL

	Resultados		Valores de referência	
Leucócitos totais:	23.300	/μL	(5500 - 19500)	
DIFERENCIAL:	<i>Relativo (%)</i>	<i>Absoluto(/mm³)</i>	<i>Relativo (%)</i>	<i>Absoluto(/mm³)</i>
Mielócitos:	00	0	(0 - 0)	(0 - 0)
Metamielócitos:	00	0	(0 - 0)	(0 - 0)
Neutrófilos bastonetes	00	0	(0 - 3)	(0 - 300)
Neutrófilos segmentado:	78	18174	(5 - 75)	(2.500 - 12.500)
Eosinófilos:	02	466	(2 - 12)	(0 - 1.500)
Basófilos:	00	0	Raros	Raros
Linfócitos:	18	4194	(20- 55)	(1.500 - 7.000)
Monócitos:	02	466	(1 - 4)	(0 - 850)

Plaquetas	300.000	(150000 - 700000)	/mm ³
Proteína Plasmática:	10,00 g/dL	(6,0 - 8,0)	

Fonte: Acervo pessoal, 2024.

O exame de bioquímica sérica mostrou que os marcadores hepáticos e renais estavam dentro dos limites de referência. No entanto, houve aumento das proteínas totais e globulinas, com hipoalbuminemia. Essas descobertas sugerem um processo inflamatório (Figura 8).

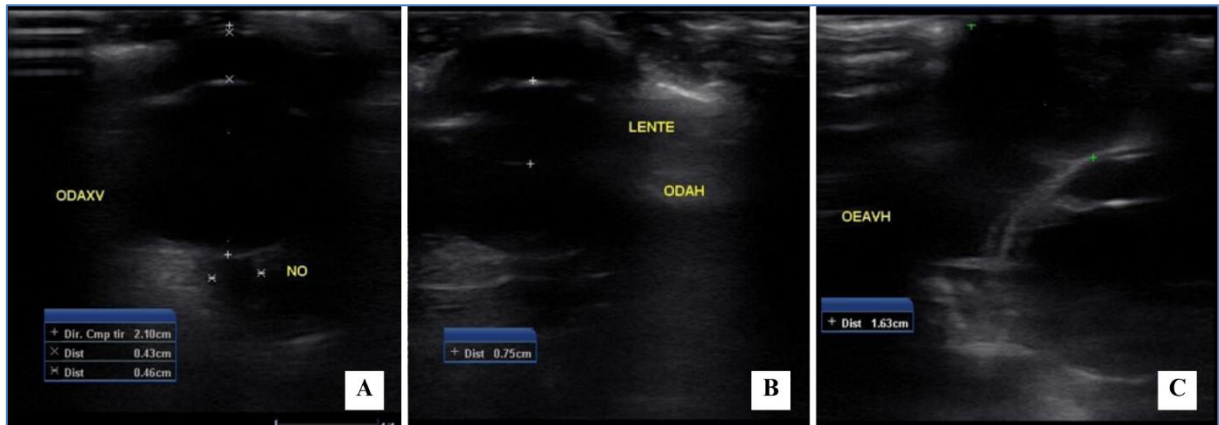
Figura 8: Resultado da bioquímica sérica do paciente.

Exame	Resultado	Valor de Referência	Método
ALT (TGP)	48 UI/L	10 - 83	Cinético
GGT	1,9 UI/L	1,3 - 5,1	Cinético
Creatinina	1,1 mg/dL	0,8 - 1,8	Cinético
Ureia	45 mg/dL	42,8 - 64,2	Cinético UV
Proteínas Totais	8,6 g/dL	5,4 - 7,8	Colorimétrico
Albumina	1,9* g/dL	2,1 - 3,3	Cinético
Globulinas	6,7 g/dL	2,6 - 5,1	Cálculo

Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Na ultrassonografia ocular do olho direito, foram identificados achados compatíveis com degeneração vítrea discreta, que não afeta a equidade visual do paciente, sem outras alterações significativas. No olho esquerdo, pode ser visibilizado por meio da ultrassonografia uma estrutura nodular cística medindo 16,3 mm, localizada na região da conjuntiva palpebral superior, recobrindo o globo ocular e impossibilitando a avaliação das estruturas intraoculares. A área apresenta características hipoecóicas com ecossistemas puntiformes dispersos, sendo sugestiva de um abscesso ou nódulo cístico (Figura 9).

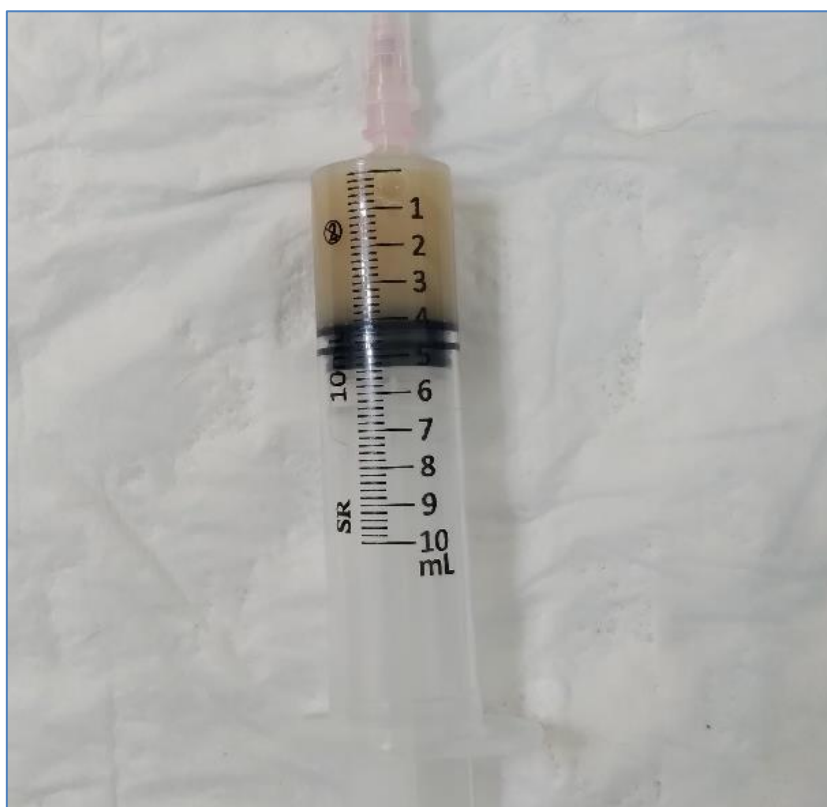
Figura 9: Ultrassonografia ocular: medidas do globo ocular 2,10cm, câmara anterior 0,43cm, nervo óptico 0,46cm e lentes 0,75cm (A, B) e estrutura nodular cística no olho esquerdo de 1,63cm (C).



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Com base nos exames realizados, optou-se por uma intervenção cirúrgica com o objetivo de realizar uma biópsia incisional, técnica na qual uma parte do tecido selecionado é removida, além da drenagem do conteúdo do abscesso. Antes da coleta do fragmento para análise histopatológica, foi realizada a drenagem do conteúdo do nódulo por meio da técnica de punção aspirativa. Para isso, utilizou-se uma seringa de 10 ml e uma agulha hipodérmica descartável de 40x12 mm, obtendo-se aproximadamente 4 ml de um conteúdo amarelado e turvo, sugestivo a uma secreção mucopurulenta, na qual essa amostra foi encaminhada para cultura microbiana anaeróbica (Figura 10).

Figura 10: A imagem mostra uma seringa de 10 mL contendo aproximadamente 4 mL de um líquido de coloração amarelada e aspecto turvo, sugestivo a uma secreção mucopurulenta.

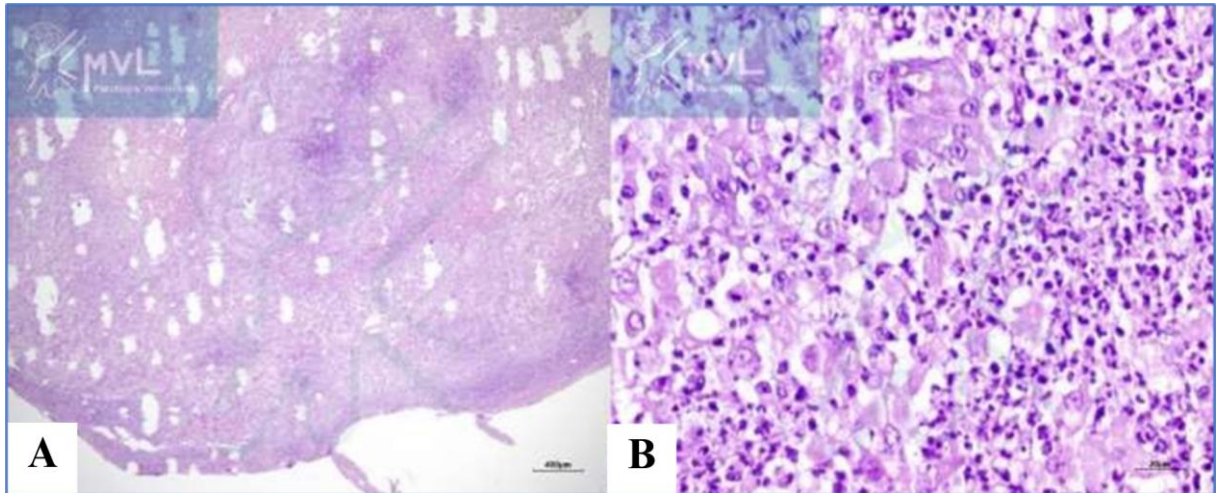


Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Na histopatologia o fragmento da conjuntiva bulbar apresentava conjuntivite ulcerativa e piogranulomatosa multifocal a coalescente acentuada. Histologicamente, a lesão continha restos celulares, fibrina, infiltrado inflamatório neutrofílico e linfo-histioplasmocitário, além de necrose e fibroplasia multifocal moderada, indicando uma resposta inflamatória sem a presença

de nenhum patógeno responsável pela inflamação (Figura 11).

Figura 11: Conjuntivite piogranulomatosa. Lâmina própria com aumento de celularidade intenso (A). Infiltrado inflamatório piogranulomatoso (B).

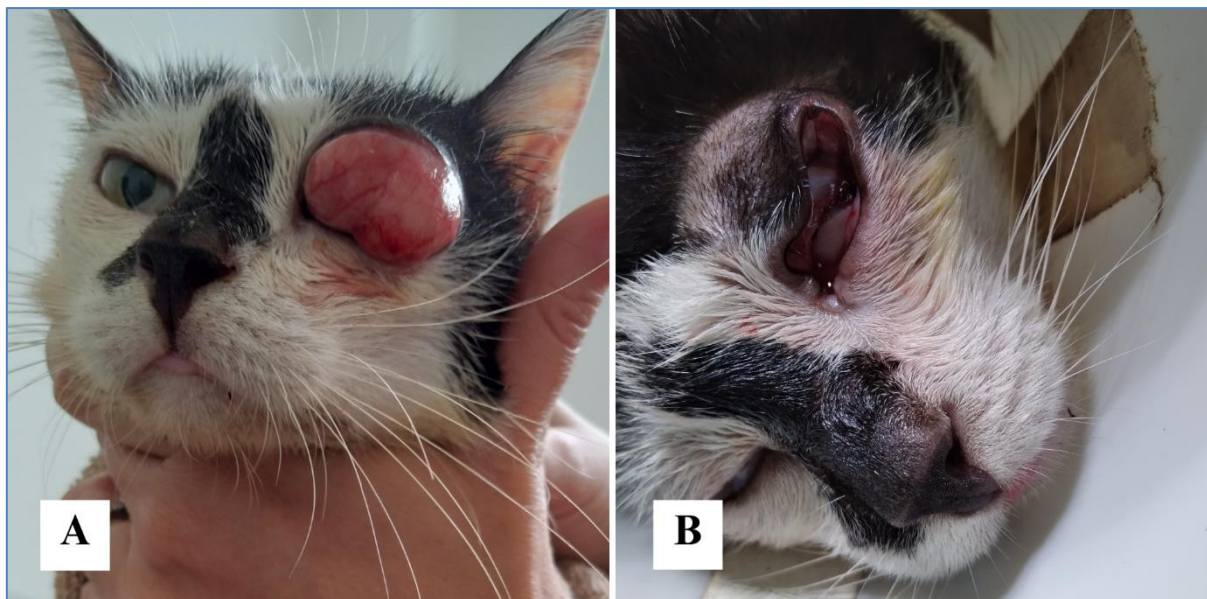


Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Na cultura microbiana anaeróbica não foram identificados agentes infecciosos ou células neoplásicas no conteúdo investigado.

Após 13 dias de terapia medicamentosa sem resolução do abscesso, foi realizada uma intervenção cirúrgica para diagnóstico e investigação da causa. O procedimento incluiu drenagem do abscesso e biópsia incisional da conjuntiva palpebral para exame histopatológico, sem necessidade de sutura. A abordagem foi eficaz, garantindo a recuperação do paciente com manutenção da visão e alta mais rápida em comparação ao tratamento medicamentoso. O protocolo terapêutico foi ajustado após a cirurgia.

Figura 12: Imagem antes da drenagem e biópsia incisional (A) e logo após o procedimento (B).



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Introduziu-se o colírio antibiótico que contém gatifloxacino, aplicado a cada seis horas, para prevenir infecções secundárias, e o colírio regenerador a base de hidroxipropiluar, água purificada, cloreto de sódio e cloreto de benzalcônio a 10%, também administrado a cada seis horas, para auxiliar na cicatrização. No tratamento sistêmico, foi prescrito o antibiótico oral que contém amoxicilina com ácido clavulânico de 50 mg, administrado um quarto do comprimido a cada doze horas por vinte dias, associado ao benzoilmetronidazol 40 mg/ml, utilizado 1,2ml a cada doze horas por cinco dias, para cobertura de possíveis infecções anaeróbicas. A prednisolona de 3mg/ml foi ajustado para 0,5 ml uma vez ao dia por cinco dias, seguido por uma redução para 0,25 ml em dias alternados por mais três dias.

Na revisão seguinte, realizada no dia 20 do tratamento, observou-se uma evolução positiva, com redução significativa da inflamação e início do processo de cicatrização. Houve ajustes no protocolo, incluindo a redução da frequência de aplicação do colírio que contém gatifloxacino para uma gota a cada doze horas por sete dias e a manutenção do hidroxipropil guar, Água purificada, cloreto de sódio e cloreto de benzalcônio a 10% a cada doze horas, com suspensão prevista após sete dias.

O antibiótico oral que contém amoxicilina com ácido clavulânico foi mantido por mais quinze dias, garantindo o controle completo de possíveis infecções sistêmicas. O colar elizabetano continuou sendo utilizado, e o tutor foi orientado a aguardar os resultados do exame

histopatológico para possíveis direcionamentos adicionais. O manejo progressivo e o monitoramento rigoroso do caso permitiram uma recuperação satisfatória, destacando a importância do atendimento especializado (Figura 13).

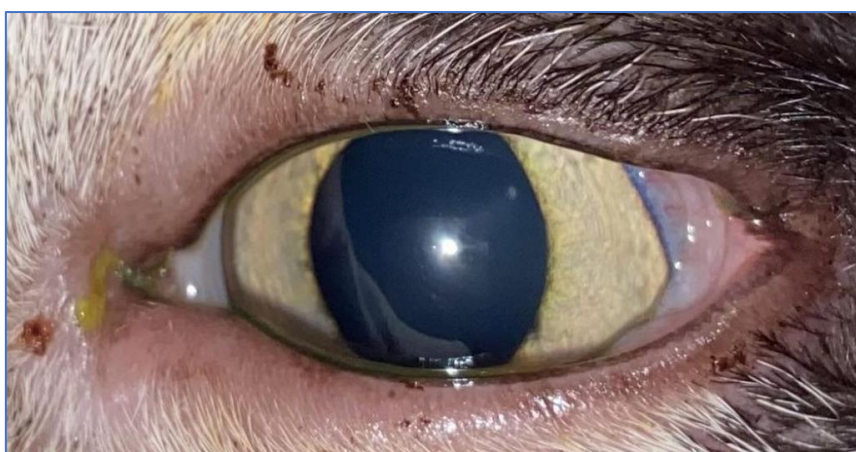
Figura 13: Imagem representativa da linha do tempo do tratamento.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

No dia vinte e nove de maio, 34 dias após a primeira intervenção terapêutica e 16 dias após a cirurgia, o paciente recebeu alta médica após apresentar uma cicatrização completa da pálpebra e redução total do abscesso. O quadro clínico evoluiu de forma satisfatória, com o aumento de 100 gramas de peso e a completa recuperação da conjuntiva palpebral, sem sinais de inflamação ou complicações (Figura 14).

Figura 14: Imagem do olho esquerdo com a redução total do abscesso, após 34 dias da primeira intervenção terapêutica.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

4.2. Discussão

O presente relato de caso descreve um abscesso asséptico na conjuntiva palpebral de um gato, destacando a ausência de patógenos identificáveis como causa do processo inflamatório. A investigação diagnóstica incluiu exames laboratoriais, ultrassonografia ocular e análise histopatológica, que corroboraram a hipótese de um processo inflamatório sem etiologia infecciosa aparente. O estudo reforça a importância de uma abordagem diagnóstica criteriosa diante de lesões oculares nodulares, especialmente quando não há evidência de infecção bacteriana ou fúngica (CUNHA *et al.*, 2021).

A principal hipótese para o desenvolvimento do abscesso asséptico foi uma resposta inflamatória exacerbada a um insulto físico ou a um possível mecanismo autoimune. A anamnese revelou que o paciente possuía acesso à rua, aumentando a possibilidade de um trauma ocular, como arranhões ou contato com corpos estranhos. Tais eventos poderiam desencadear uma resposta inflamatória desproporcional, culminando na formação de um abscesso asséptico (RODRIGUES, 2020). Essa possibilidade é sustentada pelos achados histopatológicos, que evidenciaram infiltrado piogranulomatoso intenso, necrose e fibroplasia, características compatíveis com processos inflamatórios crônicos não infecciosos (ROSOLEM, 2013).

Outra possível explicação para a gênese do abscesso está relacionada a uma alteração autoimune subjacente. Em felinos, doenças autoimunes podem se manifestar de diversas formas, incluindo lesões oculares inflamatórias e nódulos assépticos (FERREIRA, 2015). A ausência de agentes infecciosos na cultura microbiana anaeróbica e nos exames histopatológicos fortalece essa hipótese. Ademais, os achados laboratoriais revelaram leucocitose com neutrofilia e aumento das globulinas, indicando um processo inflamatório sistêmico. A hipoalbuminemia também pode ser atribuída a um processo inflamatório prolongado, reforçando a natureza imunomediada ou crônica da condição (THRALL, 2007).

A ultrassonografia ocular desempenhou um papel fundamental na caracterização do abscesso, permitindo a identificação de uma estrutura nodular cística hipoecóica. Esse achado foi crucial para diferenciar o abscesso de outras condições, como neoplasias ou cistos de retenção (SONGS *et al.*, 2012). A drenagem do abscesso e a biópsia incisional foram decisivas tanto para o tratamento quanto para o esclarecimento diagnóstico, permitindo a resolução rápida do quadro clínico (CARMEN, 2001).

O tratamento foi baseado em uma abordagem anti-inflamatória e antibacteriana empírica, com êxito na resolução do abscesso. O uso de corticoides foi essencial para modular a resposta inflamatória exacerbada, especialmente considerando a suspeita de um mecanismo autoimune. A evolução clínica do paciente demonstrou uma resposta favorável à intervenção cirúrgica e ao tratamento instituído, resultando na resolução completa da lesão em um período relativamente curto (MORAILLON, 2013).

4.3. Conclusão

Este trabalho analisou um caso de abscesso asséptico na conjuntiva palpebral de um felino, destacando a importância do diagnóstico preciso e do manejo clínico adequado. A combinação de exames complementares, intervenção cirúrgica e tratamento medicamentoso foi essencial para a recuperação do paciente. Os resultados laboratoriais indicaram uma resposta inflamatória sem agentes infecciosos ou células neoplásicas, sugerindo possíveis causas autoimunes ou traumáticas.

O caso reforça a necessidade do diagnóstico diferencial de abscessos oculares em felinos, considerando que nem sempre possuem origem infecciosa. A abordagem especializada e o acompanhamento contínuo foram fundamentais para a evolução favorável do quadro, contribuindo para o conhecimento e aprimoramento das estratégias terapêuticas em oftalmologia veterinária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribuiu para o aprofundamento do conhecimento sobre abscessos assépticos em felinos, destacando a importância de investigações diagnósticas minuciosas e manejo clínico adequado. Embora os achados tenham sido satisfatórios, estudos futuros são necessários para compreender melhor os fatores etiológicos e predisponentes associados a essa condição rara.

Os exames complementares desempenharam um papel fundamental, permitindo uma avaliação detalhada da estrutura e função dos tecidos acometidos. Métodos como citologia, histopatologia, exames de imagem e testes laboratoriais ajudam a diferenciar processos inflamatórios, infecciosos, neoplásicos ou autoimunes, garantindo uma abordagem terapêutica mais específica e eficaz. Dessa forma, a realização desses exames possibilita a escolha do tratamento mais adequado, evitando procedimentos radicais como a enucleação, que

compromete a preservação do globo ocular e da visão do paciente.

Além disso, a necessidade de conscientização dos tutores sobre a relevância do cuidado preventivo, incluindo vacinação, controle parasitário e restrição do acesso dos animais à rua, é um aspecto essencial para a saúde geral e ocular dos felinos. A experiência apresentada reforça o compromisso da clínica veterinária em promover o bem-estar animal por meio de abordagens baseadas em evidências e personalizadas às necessidades de cada paciente.

Por fim, a experiência adquirida durante o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) na clínica de oftalmologia veterinária Pupilavet+ e no Centro de Desenvolvimento da Pecuária (CDP) foi essencial para a formação profissional. A vivência na Pupilavet+ permitiu contato direto com casos clínicos oftálmicos, exames complementares e abordagens terapêuticas específicas, aprofundando o conhecimento na área. Já no CDP, foi possível desenvolver habilidades voltadas à sanidade e bem-estar de animais de produção, ampliando a visão sobre a atuação do médico veterinário. Essas experiências consolidaram o aprendizado teórico e prático, contribuindo para a preparação profissional e aprimoramento das competências clínicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROCH, I.; OFRI, R.; SUTTON, G. A. **Ocular manifestations of systemic diseases.** *Slatter's fundamentals of veterinary ophthalmology*, p. 374, 2009.

CARMEN, S. **Enfermedades Infeciosas del Perro y del Gato.** Temis Network, SL, 2001.

CUNHA, A. P. *et al.* **Ultrassonografia ocular e biomicroscopia ultrassônica na oftalmologia veterinária: Revisão de literatura.** 2021.

ESPÍNOLAZ, M. B.; LILENBAUM, W. **Prevalence of bacteria in the conjunctival sac and on the eyelid margin of clinically normal cats.** *Journal of Small Animal Practice*, v. 37, n. 8, p. 364-366, 1996.

FEATHERSTONE, H.; HOLT, E. **Small animal ophthalmology: what's your diagnosis?** John Wiley & Sons, 2011.

FEATHERSTONE, H.; SCURRELL, E. **Ocular sampling in the dog and cat.** *In Practice*, v. 37, n. 10, p. 510-539, 2015.

FEITOSA, F. L. **Semiologia veterinária - A Arte do Diagnóstico.** 4ª edição. São Paulo: Editora Roca, 2020.

FERREIRA, T. C. *et al.* **Patogenia, biomarcadores e imunoterapia nas dermatopatias autoimunes em cães e gatos: uma revisão.** *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal: RBHSA*, v. 9, n. 2, p. 299-319, 2015.

FONSÊCA, M. C. I. F. **Estudo retrospectivo das doenças oculares em felinos atendidos no hospital veterinário da UFPB no período de 2013 a 2019.** 2022.

GELATT, K. N. **Fundamentos de oftalmologia veterinária.** Elsevier España, 2003.

GONÇALVES F. N. R. *et al.* **Tratamento endodôntico em dentes com abscesso dentoalveolar: um relato de caso.** *Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, [S. l.], v. 16, n. 1, 2024.

GOULD, D.; MCLELLAN, G. J. **BSAVA manual of canine and feline ophthalmology.** 2014.

HARTMANN, A. D. *et al.* **Detection of bacterial and viral organisms from the conjunctiva of cats with conjunctivitis and upper respiratory tract disease.** *Journal of Feline Medicine & Surgery*, v. 12, n. 10, p. 775-782, 2010.

HEINRICH, C. **Assessing conjunctivitis in cats.** *Veterinary Times*, 2015.

HONSHO, C. S. *et al.* Avaliação comparativa de dois métodos de citologia conjuntival em felinos. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia**, Franca-SP, Brasil, ano 2012, v. 8, n. 15, p. 2616-2627, 30 nov. 2012.

KÖNIG, H. E.; LIEBICH, H. G. **Anatomia dos animais domésticos-: Texto e atlas colorido.** Artmed Editora, 2021.

LITTLE, S. E. *et al.* **O gato: Medicina interna.** 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015. 1332 p. ISBN 978-85-277-2945-1.

MARTIN, C. L.; PICKETT, J. P.; SPIESS, B. M. **Ophthalmic disease in veterinary medicine.** London: Manson, 2005.

MARQUES, A. R.; GALERA, P. D.; RIBEIRO, C. R. **Alterações oculares causadas por herpesvírus felino: revisão de literatura.** *Medvep – Revista Científica de Medicina Veterinária: pequenos animais e animais de estimação*, Brasília, v. 6, n. 17, p. 92-100, 2008.

MORAILLON, R. *et al.* **Manual Elsevier de Veterinária: Diagnóstico e tratamento de cães, gatos e animais exóticos.** 7. ed. São Paulo, SP, 2013.

OLIVEIRA, I. C. M.; GOUVÊA, L. C.; COSTA, M. S.; PACHECO, M. N. **A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de administração.** *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 130-144, 2020.

RODRIGUES, M. J. F. **A resposta inflamatória e a sua aplicação na prática clínica.** 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra, Portugal.

ROSOLEM, M. C. *et al.* **Estudo retrospectivo de exames citológicos realizados em um hospital veterinário escola em um período de cinco anos.** *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v. 65, p. 735-741, 2013.

SANZ, F. L. **3D Ophthalmology in Dogs.** Grupo Asís Biomed SL, 2021.

SLATTER, D. *et al.* **Fundamentos de oftalmologia veterinária.** 3ª. ed. [S. l.]: Roca, 2005. 712 p. ISBN 85-7241-547-5.

SONG, C. *et al.* **Eyelid squamous cell carcinoma in a dog.** *Pakistan Veterinary Journal*, v. 32, n. 3, 2012.

THRALL, M. A. **Hematologia e bioquímica clínica veterinária.** Editora Roca, 2007.

TURNER, S. M. **Oftalmología de pequeños animales.** Elsevier Health Sciences, 2010.

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia – EMEVZ. **Centro de Desenvolvimento da Pecuária – CDP.**

VIANA, F. A. B. Guia terapêutico veterinário. **CEM: Belo Horizonte, Brazil**, 2007.

VIEIRA, M. *et al.* Diagnósticos molecular e citológico de herpesvirus felino tipo 1, chlamydophila felis e mycoplasma felis, em gatos com conjuntivite e/ou doença do trato respiratório superior. **Revista Lusófona de Ciência e Medicina Veterinária**, v. 10, p. 1-10, 2020.